

humanitas

Vol. XLIX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLIX • MCMXCVII



ficando claro se foi usada apenas para os fragmentos de Petrónio de atribuição incerta se para todo o texto. (O mesmo se pode dizer dos fragmentos traduzidos nos capítulos “Estructura y expresión literaria” e “Algunos fragmentos poéticos”). Em “Las aventuras de un texto”, relata os erros da obra de Petrónio, com informação que provém sobretudo, como o próprio Autor admite, da edição de Díaz y Díaz. Deste editor retoma, também, o texto espúrio de Marchena, que transcreve e traduz. No último capítulo, “Otras obras de Petronio”, (novamente exposto de forma sumária e mais com o objectivo de chamar a atenção para a existência dos problemas do que para a sua discussão aprofundada) o Autor trata alguns fragmentos de Petrónio de atribuição incerta. Por essa razão, o título pode criar falsas expectativas no leitor, ao fazê-lo crer que se irá falar da descoberta de novos textos, quando, obviamente, não é disso que se trata.

Em resumo, o trabalho merece atenção e é aconselhável sobretudo para alunos, dado o seu carácter simples e didáctico. Ainda assim, lucraria com uma discussão mais aprofundada dos problemas que coloca e com uma referência mais alargada aos numerosos estudos que, entretanto, têm saído sobre o romance. Ainda a respeito deste último ponto, e atendendo à vocação didáctica do livro, seria vantajosa, no fim, uma enumeração da bibliografia essencial sobre Petrónio e de edições como as de Marmorale, Pellegrino e Müller-Ehlers.

Delfim Ferreira Leão

MARTÍNEZ LACY, RICARDO: *Rebeliones populares en la Grecia helenística* (Universidad Nacional Autónoma de México, México, 1995) 274 p.

O trabalho reunido neste livro resulta, fundamentalmente, da investigação levada a cabo por Martínez para a elaboração da tese de Doutoramento, na qual foi orientado, sobretudo, por Moses I. Finley, mas também por Paul Cartledge. É notório, de facto, o magistério de Finley, nas próprias opções metodológicas e na forma de abordar as questões. Martínez propõe um estudo do conceito de revolução para a interpretação das rebeliões da Grécia helenística, época que o autor delimita entre a morte de Alexandre Magno (323) e a de Cleópatra (30 a.C., que é também o ano do estabelecimento do império romano por Augusto), embora, como é sabido, não exista uma visão unitária na consideração do termo desse período.

Para o tratamento do fenómeno das revoltas populares, Martínez vai seleccionar os dez casos mais significativos, orientando-se pela importância que a historiografia antiga atribuiu a cada um desses movimentos populares e pela «participación de esclavos, pueblos oprimidos y, en general, grupos o clases marginados de la ciudadanía» (p. 5). A eles aplicará o conceito de revolução que, na senda de Finley e de Griewank, entende

como um conceito que é, em si mesmo, histórico e onde o concurso popular é decisivo.

Antes de passar à análise dos movimentos escolhidos, Martínez – segundo um critério que nos parece vantajoso – considera primeiro a tradição histórica antiga (de que ressalta o nome de Políbio) relativa a esses mesmos fenómenos e, depois, a historiografia moderna, passando por Droysen, pelos Modernistas, pelo Marxismo soviético e, finalmente, pelos Empiristas; dessa abordagem ressalta a ideia de que qualquer tema histórico deve ser visto como parte de um processo que abarca a própria historiografia. Só quando recorda e discute os principais contributos dessas correntes – com profundidade, mas sem descurar uma certa sobriedade didáctica – é que se debruça sobre o problema concreto das rebeliões populares em determinadas *poleis* gregas, tendo em conta a relação destas últimas com a sua progressiva submissão a Roma. Conclui que o aumento sem precedentes da escravatura (fomentado pelo domínio romano), aliado à decadência global do conceito de democracia, veio tornar menos clara a distinção entre escravos e cidadãos. Por outro lado, foram a escravização de pessoas livres e a sua concentração em determinadas áreas que criaram as condições para a ocorrência de revoltas. Mas a esta crise no sistema esclavagista não correspondeu uma ideologia que pretendesse substituir a ordem vigente por uma inovação política e social. Os grupos revoltosos defendiam apenas determinados valores perdidos (liberdade pessoal) ou um recuo no tempo (obedecendo a uma visão gloriosa do passado) ou então privilégios (direito ao trono, existência de um reino) em vias de desaparecimento. Por esta ausência de horizontes sociais e políticos mais vastos, estas revoltas estavam condenadas ao fracasso, constituindo apenas focos de resistência efêmera contra uma potência dominante.

Com este livro, e a despeito de optar por se centrar nos casos mais importantes, parece-nos que Martínez consegue dar uma visão crítica global do fenómeno das rebeliões populares na Época Helenística. Fica, ainda, bem patente a forma como domina este campo de estudo, através da grande quantidade de bibliografia especializada que discute (muitas vezes em nota, para se não desviar da essencialidade da questão) e que, no fim, organiza de forma sistemática em várias dezenas de páginas.

DELFIN FERREIRA LEÃO

COULET, CORINNE, *Communiquer en Grèce Ancienne. Écrits, Discours, Information, Voyages...*, Paris, Les Belles Lettres, 1996

Publicado em 1996 pela Les Belles Lettres, *Communiquer en Grèce Ancienne. Écrits, Discours, Information, Voyages...*, da helenista Corinne Coulet, é o 13º volume